

## NARRATIVAS FANTÁSTICAS: UMA LEITURA QUE (DES)ENCANTA?

Joaz Silva de Melo; Leandro da Silva Ramos; Laurênia Souto Sales

*Universidade Federal da Paraíba. joazsy@gmail.com*

**Resumo:** No nosso dia a dia, afirma-se e reafirma-se com veemência que a leitura é fundamental para a formação do ser humano, porém também são noticiadas pesquisas que mostram que o brasileiro lê pouco. Dados da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2015), em sua quarta edição, revelam que 44% da população brasileira não têm hábito de leitura. A escola, por sua vez, muitas vezes, só ensina a ler, mas não incentiva. Em face de tais questões e por entendermos a leitura como prática social fundamental para a formação do ser humano, desenvolvemos este trabalho com a finalidade de conhecer os hábitos e preferências leitoras de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola do município de Mamanguape-PB, antes e depois de serem expostos a uma seção de leitura de contos fantásticos, da autoria de Guy de Maupassant (1882), Julio Cortázar (1946) e W. W. Jacobs (1902). Para desenvolvermos o presente estudo, partimos dos estudos realizados por Cândido (2011), Saraiva (2006), Todorov (2008), Zilberman (2003) e Cosson (2009), os quais contribuirão para abordarmos a importância da leitura e, de modo mais específico, da leitura de textos literários – a literatura fantástica. Trata-se de um relato de experiência que revela como aluno pode interagir com o texto ao mesmo tempo em que é desafiado a lhe dar uma significação própria e sedutora, pelo invólucro de mistério que constitui essa categoria de gêneros do discurso – contos fantásticos. O resultado da experiência aponta para um conjunto de leitores que gostam de ler histórias de aventura, que passam longos períodos de tempo em redes sociais e que, mesmo assim, não se consideram leitores. Esses mesmo leitores revelaram não conhecer a literatura fantástica e, quando em contato com os contos fantásticos, demonstraram excelente receptividade e interesse em fazer outras leituras do gênero.

Palavras-chave: leitura, práticas de leitura, literatura fantástica.

### 1. INTRODUÇÃO

Dados recentes apresentados pela Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2015), em sua quarta edição, revelaram que 44% da população brasileira não possuem o hábito de ler. Esses dados acirram ainda mais um discurso que se faz presente na sociedade brasileira já há algumas décadas: a leitura é fundamental para a formação do ser humano, no entanto, o brasileiro lê pouco, e a escola não tem contribuído muito para modificar essa situação. No que diz respeito, especificamente, ao texto literário, objeto desta pesquisa, Cândido (2011) afirma que a literatura é fundamental a todo ser humano; para os jovens, essa regra não abre exceção, o contato com o texto literário e com a leitura é primordial para o desenvolvimento intelectual e mental dos adolescentes.

Afirmações como a do referido autor nos levaram a refletir sobre os hábitos e preferências leitoras de alunos do Ensino Fundamental. As reflexões surgiram nos corredores do Campus IV da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), após as aulas de Estágio Supervisionado I, ocorridas no

Curso de Letras, quando relatávamos à professora como percebíamos o tratamento que era dado à leitura da literatura na escola. Assim, passamos a nos questionar: A que textos os alunos são expostos em seu cotidiano escolar? Como esses textos são abordados pelos professores em sala de aula? Diante de tais inquietações, resolvemos levar essas questões para uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola do município de Mamanguape-PB e, uma vez constatado que os alunos não conheciam os contos fantásticos, decidimos apresentar essa literatura à turma, o que resultou em um relato de experiência a partir de contos da autoria de Guy de Maupassant (1882), Julio Cortázar (1946) e W. W. Jacobs (1902).

Para desenvolvermos o presente trabalho, conforme veremos a seguir, partimos dos estudos realizados por Candido (2011), Saraiva (2006), Todorov (1980), Zilberman (2003) e Cosson (2009), os quais contribuirão para abordarmos a importância da leitura e, de modo mais específico, da leitura de textos literários – a literatura fantástica.

A pesquisa se deu com uma turma constituída por 22 alunos, que leram conosco, em sala de aula, os contos *O Horla* (MAUPASSANT, 1882), *A pata do macaco* (JACOBS, 1902), e, por fim, *Casa Tomada* (CORTAZAR, 1946). Antes e depois da finalização da leitura desses contos, foi aplicado um questionário aos alunos com o intuito de conhecermos os hábitos e preferências leitoras deles e de conhecermos o que eles acharam da leitura de contos fantásticos. Para fins deste trabalho, vamos nos deter ao relato da experiência com os contos.

## **2. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DA LITERATURA: OS CONTOS FANTÁSTICOS**

Fundamental para a formação do cidadão – hoje tanto quanto o era na época da Grécia Antiga –, a leitura continua a servir de material de ensino, na escola. Regina Zilberman (2003) fala dessa importância da leitura dos textos literários, inclusive a equiparando à escola, pois ambas possuem o mesmo fim: “De fato, tanto a obra de ficção como a instituição de ensino estão voltadas à formação do indivíduo.”

Ora, se estão nesse nível, os professores, especialmente os de Língua Portuguesa, deveriam incentivar a leitura com esse fim – a formação do indivíduo –, como sugere Juracy Saraiva (2006), a partir do que orientam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, BRASIL, 1998):

Grande parte dos professores demonstra desconhecer a especificidade do texto literário e a função formadora da literatura, atribuindo a razão da escolha dos textos literários a aspectos que lhe são exteriores, como a ampliação do vocabulário, a assimilação de regras da escrita ou, até mesmo, a preparação para exames de mudança de ensino. [...] Além disso, por

ignorar a interação do texto-leitor, o docente substitui a leitura como prática significativa por exercícios centrados no reconhecimento de informações, impedindo, assim, que os alunos participem da descoberta do real que o poder imagético do texto desencadeia e do prazer da exploração dos recursos da linguagem que todo texto estético mobiliza. (SARAIVA, 2006, pg. 27)

O professor, portanto, ao utilizar o texto literário apenas para servir de meio a ensinar algum conteúdo (gramatical ou de outra natureza), está colocando de lado um de seus aspectos mais importantes e encantadores, reduzindo o corpo textual a uma imagem quase sem sentido, na qual o aluno deve decodificar o que se pede na questão que se segue.

Por outro lado, além dessas questões, há que considerarmos também que a leitura de textos literários deve ser incentivada pelos professores, pois, se não for assim, estarão contribuindo para a formação de uma sociedade alienada, fixada a regras e normas, sem prazer pela leitura. Em seu difundidíssimo discurso *Direito à Literatura*, Candido (2011) defende a literatura como um bem fundamental à vida, afinal: “Ela não *corrompe* nem *edifica*, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”. A leitura de textos literários é, portanto, imprescindível à sociedade e não deve ser negada a ninguém, mas deve ser aproveitada (dele tirar proveito) em toda a sua plenitude.

De acordo com Regina Zilberman (2003, p. 25)

[...] Ela sintetiza, por meio de recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra foi concebida, o sintoma de sua vivência é o fato de que ela continua a se comunicar com seu destinatário atual, porque ainda fala com o mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois a conhecê-lo melhor.

Para a autora, a leitura do texto literário ajuda o leitor a se conhecer, tal é o exemplo dos clássicos greco-latinos, que até hoje ecoam influência em nossa sociedade quase que completamente diferente da que neles se retrata. O texto fantástico, apesar de estar no limiar do sobrenatural, serve ao mesmo fim, e foi por esse motivo que nos propusemos a realizar a leitura de textos da Literatura Fantástica para alunos do 9º ano do Ensino Fundamental: um tipo de literatura ideal para se trabalhar com adolescentes, pois seria importante que eles interagissem com um texto que tem teor de mistério para buscar um sentido, pois ele é ambíguo quanto à interpretação.

Não sendo literatura maravilhosa, que demonstra o sobrenatural de forma normal e cotidiana em suas linhas, nem sendo literatura estranha, que apresenta um mistério que a primeira vista é sobrenatural, com o decorrer da leitura, concluímos que era tudo apenas uma tentativa de parecer irreal, porém podemos explicar todos os acontecimentos racionalmente. No limiar entre as duas

áreas, está o texto fantástico que, dependendo do leitor, pode sofrer a tentativa de ser explicado como estranho ou maravilhoso, mas está no exato centro entre as duas áreas. Como diz o teórico Tzvetan Todorov (1980, p. 15, 16):

O fantástico ocupa o tempo desta incerteza. Assim que se escolhe uma das duas respostas, deixa-se o terreno do fantástico para entrar em um gênero vizinho: o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento sobrenatural.

O Maravilhoso e o Estranho são dois ramos da literatura, o primeiro trata de representações sobrenaturais: bichos falantes, príncipes encantados, pessoas que voam etc; já o segundo termo trata de uma narrativa que, a princípio, parece ser sobrenatural, mas, com o decorrer da leitura, torna-se racionalmente explicável, a exemplo dos casos de *Sherlock Holmes*, de Conan Doyle (1887), nos quais são apresentados fatos como sobrenaturais, mas, após a investigação do notável detetive, tudo é explicado de forma lógica. O texto fantástico trabalha a percepção, como diz Santos (2014, p. 167):

O texto fantástico tem como premissa a percepção que se tem dos fatos. Se assim o concebemos, o aspecto angustiante e ambíguo das narrativas desencadeia o efeito do medo, já que em um mundo regido por padrões do conhecido e racional, uma aparição brutal ameaça o equilíbrio do mundo ordinário, cotidiano e organizado.

A narrativa insólita traz o efeito do medo, pois quebra o paradigma do real que é confiável e traz a possibilidade do sobrenatural que é desconhecido, e por isso temeroso. Juracy Saraiva (2006), indiretamente, também aponta a importância da inserção do texto fantástico como formador de leitores, a partir do momento em que ele desperta o sentimento de aventura e prazer, e, ao mesmo tempo, contribui para que o leitor produza sentidos para o texto lido.

### **3. A EXPERIÊNCIA COM O FANTÁSTICO NA SALA DE AULA<sup>1</sup>**

Após a leitura do primeiro conto, *O Horla* (MAUPASSANT, 1886), observamos que os alunos se envolveram com o conteúdo e enredo do texto. Num primeiro momento, demonstraram curiosidade para conhecer a narrativa chamada de fantástica. Num segundo momento da leitura, pudemos observar que eles demonstraram grande interesse ao perceber o enredo de mistério. O

<sup>1</sup> O levantamento de dados efetuado na pesquisa inicial apontou que 14 dos 22 alunos da turma, embora afirmassem ler, não se consideravam leitores, por diversos motivos, mas, principalmente, justificavam a opinião pelo fato de não possuírem o hábito de ler com regularidade. Seis alunos afirmaram categoricamente que não gostavam de ler. Todos os alunos responderam que a leitura do texto literário era importante. Nenhum aluno conhecia a literatura fantástica.

aluno A<sup>2</sup> afirmou sobre esse momento: “Foi ótima a leitura desse conto, muito interessante e misterioso aguça nossa mente.” Num terceiro momento, os alunos começaram a se questionar sobre o sentido do conto, se sobrenatural ou se estranho. No último momento da sessão, após a narração, todos os alunos começaram a opinar sobre o sentido do conto. Nesse instante, ficou claro o envolvimento dos alunos e, ao mesmo tempo, percebemos que a leitura os cativou; notamos isso a partir da fala do aluno B: “Professor, o que aconteceu com ele aconteceu com outras pessoas também? Então o conto é sobrenatural, o Horla existe!”

Na segunda sessão, os alunos puderam ler A Pata do Macaco (JACOBS, 1902), e, por já conseguirem imaginar a experiência, se demonstravam mais aflitos por descobrir o desfecho. Ao término de cada leitura havia uma intensa interação dos alunos para buscar dar sentido ao texto. No primeiro momento, os alunos demoraram um pouco a ler o texto, devido a sua extensão, porém a maioria não reclamou dessa questão, como é comum fazerem em outras aulas que envolvem a leitura de textos no livro didático, por exemplo. No segundo momento, os discentes ficaram visivelmente envolvidos no clima de mistério proporcionado pelo conto. Sobre esse conto, a aluna D afirmou: “Achei muito interessante porque tem um pouco de suspense e mim trais um grande prazer, tipo traz mas vontade porque la tem uma história e um suspense, tipo quem é que foi?” (sic). Num terceiro momento, ocorreram os questionamentos sobre a natureza conto, sobre as personagens envolvidas, o enredo etc.

Para o trabalho com o terceiro texto, Casa Tomada (CORTAZAR, 1946), optamos por deixar os alunos levá-lo para casa e, após o fim de semana, faríamos uma discussão sobre o conto em sala de aula. Surpreendeu-nos o fato de que todos os alunos fizeram a leitura do conto em casa, inclusive, alguns deles buscaram informações sobre o texto na internet. A discussão sobre o conto foi, portanto, bastante interessante, com o relato das várias expectativas que os alunos criaram apenas a partir do título do texto e das páginas iniciais do enredo.

Conforme dissemos anteriormente, após a leitura dos contos, aplicamos com os alunos um questionário que revelou:

- ✓ 100 % dos alunos afirmou ter gostado de fazer a leitura do texto fantástico e têm vontade de ler outros textos dessa natureza;
- ✓ Os alunos que antes disseram não gostar de ler, nesse momento, afirmaram ter sentido prazer pela leitura desses contos.

---

<sup>2</sup> Os alunos serão aqui referidos por letras diferentes, a fim de preservar a identidade dos sujeitos envolvidos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerramos nossa reflexão com as palavras de Todorov (2008, p. 47), para quem “o fantástico dura apenas o tempo de uma hesitação: hesitação comum ao leitor e à personagem, que devem decidir se o que percebem depende ou não da 'realidade', tal qual existe na opinião comum”. Fizemos uso de tais palavras porque foi exatamente essa hesitação que percebemos ser sentida pelos alunos no ato da leitura dos contos propostos em sala de aula.

A experiência realizada, por tanto, nos levou a concluir que as narrativas fantásticas são um ótimo instrumento de incentivo à leitura, especialmente, para adolescentes. Percebemos que as sensações que esse gênero pode produzir no leitor, o enredo de mistério e o “jogo” que é feito pelo autor/texto, ao desafiar o leitor a descobrir mais sobre o que se passa no conto, aguçam a imaginação e despertam o interesse por outras leituras do gênero. Compreendemos, assim, que a leitura de contos fantásticos pode fascinar e encantar leitores, por isso a importância de levar esse gênero para a escola e contribuir para incentivar o hábito de ler e despertar o prazer da leitura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, A. Direito à Literatura. In: **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre o Azul, 2011.
- CORTÁZAR, J. Casa tomada. In: **Bestiário**. CORTÁZAR, J. Trad. REMY, G. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- COSSON, R. **Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2009.
- SANTOS, L. A. **Delírio e medo**: o fio da incerteza no conto fantástico de Guy de Maupassant. **Todas as Musas**, São Paulo, n.2, 2014.
- FAILLA, Z. **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- JACOBS, W. W. A pata de macaco. In: PENTEADO, J. (Org.). **Obras primas do conto fantástico**. São Paulo: Martins, 1958.
- MAUPASSANT, G. O Horla. In: MAUPASSANT, H. **Contos fantásticos O Horla e outras histórias**. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- SARAIVA, J. A. Por que e como ler textos literários. In: SARAIVA, J. A.; MÜGGE, E. (Org.). **Literatura na Escola - Propostas para o Ensino Fundamental**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

TODOROV, T. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ZILBERMAN, R. **Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 2006.